

SUPLENTO
HUMORISTICO DE

O SECULO



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

Consolação



— Ou é da nossa vista ou Portugal é o paraizo terreal!



PALESTRA AMENA

O CENSO

Esta palavra, o «censo», é das mais dubias da lingua portuguesa, porque se presta a equívocos de varias especies, já quando quem a escreve não é forte em ortografia—e mesmo que o seja, a ortografia oficial muda tantas vezes que não se sabe qual é a definitiva—já quando se não pronuncia bem, visto que ha sitios no paiz onde o «en» é pronunciado como «ê». Com estas variantes, não admira que os boletins do recenseamento tenham sido recebidos com desconfiança, por parte de muitas pessoas e que outros precalços tenham sofrido os mesmos boletins, como por exemplo o de não terem sido distribuidos com regularidade, havendo até povoações onde não chegon nem um.

D'isto tudo resulta que o apuramento que se vae fazer não merece a menor confiança. Primeiro, o total apurado, da população, vae ser muito menor do que a realidade; depois, as respostas ás varias perguntas dos boletins tambem serão falseadas e assim todo o bem que de tal providencia poderia derivar, desaparece, pelo que muito melhor seria que não se fizesse recenseamento algum.

Quando lá fóra se supuzer, por estes dados incompletissimos, que a população de Portugal diminuiu consideravelmente desde a data do penultimo recenseamento para cá, que se pensará? Que a guerra nos levou alguns milhões de homens? que alguma epidemia nos dizimou? que nos comemos uns aos outros, em repetidas revoluções?

E, depois, quando se vir que a estatística dá muito menor numero de idiotas e de alienados do que é licito esperar d'um povo civilizado, que ideia querem os senhores que façam de nós os homens de ciencia, sabendo-se como se sabe, que o talento não é senão uma forma de loucura, um desequilibrio das facultades cerebrais? Depois da fama que temos, de zaragateiros e de pateatas alegres—«les portugais sont toujours gais»—só nos faltava o passarmos por estupidos!

Outras reflexões nos saltam ao bico da pena, ácerca do mesmo assunto, mas não vale a pena expô-las, porque estas bastam para mostrar a necessidade de se dar o dito por não dito, isto é, de se fazer nova distribuição total de boletins, anulando a primeira. E já agora aproveite-se a occasião para rever o questionario que d'elles consta, fazendo-o redigir por pessoa de bom senso, ou antes, por uma comissão de pessoas competentes, para que as perguntas sejam só as necessarias e d'aquelas a que todos possam responder. Quanto ás indescricções de se pretender saber se um sujeito é maluco, já dissemos não nos lembra onde, que são inúteis, porque quem é maluco e sabe que o é não o confessa e quem não sabe que o é responde negativamente.

Estamos em que a obra teria sido muito mais asseada se tivessem sido encarregados d'ela os nossos prodigiosos amiguinhos Juca e Zeca.

J. Neutral.

Grande velocidade

Toda a gente sabe que pelos caminhos de ferro as mercadorias podem transitar em grande e pequena velocidade, e que as transitam em grande pagam tarifas muito superiores ás que transitam em pequena. E toda a gente supõe que pagando essas tarifas e peras, a mercadoria despachada chegará ao seu destino em pouco tempo—e é n'isso que toda a gente se engana, conforme nos escreve um constante leitor que, tendo mandado de Paialvo



para Lisboa uma remessa em grande velocidade averiguou que ela se demorou no caminho o tempo que levaria a dar uma volta ao... mundo, em transportes com andamento regular.

—Então é preferível despachar os volumes em pequena velocidade, dirá o leitor.

O' santa ingenuidade! Não é tal preferível, porque em grande velocidade ha probabilidades de que guem ao seu destino mais dia menos dia, e em pequena velocidade não chegar nunca.

E' essa a unica diferença.

DE FÓRA

Depois do baile

Vem do baile a Fernandinha
E que vistão ela fez!
Agora, perdendo a linha,
Curva a gentil figurinha,
Descalça os pequenos pés.

Quantas vezes ela teve
De algum silfo a graça ondeante
Pisando a sala ao de leve
Como um anjo que se atreve
Descendo á terra um instante...

E o anjo, sentado á beira
Duma pequena cadeira,
Tirando as meias compridas,
Descobre, quasi a chorar,
Duas malhinhas caídas
Acima do calcanhar!

E já não pensa em mais nada,
Deveras desconsolada!
Profundamente infeliz!
Nem na graça que espalhou
Nem nas valsas que dançou...
Nem nos versos que eu lhe fiz!

LOLIQUETOS (1920)

O natal este ano

Um dia d'estes o Padre Eterno mandou chamar o Menino Jesus, seu Amado Filho e teve com ele a seguinte conversa:

— Olha que está a chegar a noite do Natal...

— Bem sei, papá.

— Então, se sabes, espero que te tenham fornecido de brindes em numero suficiente para contentares a petizada da Terra.

O Menino poz-se a coçar na sagrada cabecinha.

— Que tens? perguntou o Padre Eterno.

— Tenho, respondeu Jesus, que o dinheiro que o papá me deu para brindes não chega.

— Não chega?! Duzentos contos de réis?! Essa agora!

— Perdão, mas o papá sabe quanto custa um simples palhaço?

— Quanto?

— Um conto de réis.

— Não pode ser.

— Pode. Emfim, mandei o apostolo S. Pedro, que me costuma acompanhar nas minhas excursões, aos armazens de brinquedos e ao mesmo tempo indagar a quantas crianças tem de brindar e estou á espera da resposta...

Nesse momento um arcanjo annunciou:

— S. Pedro!

— Que entre, ordenou o Pai do Ceu. Entrou o venerando porteiro, radiante.

— Que contente vens! disse o Meni-



no. Já vejo que encontraste brinquedos baratos!

— Vês? observou o Padre Eterno a Jesus, não tinhas razão: o diabo não é tão feio como o pintam!

— Não é por encontrar brinquedos mais baratos que eu eston contente, disse S. Pedro.

— Então porque é?

S. Pedro, sorridente:

— Por que este ano não é preciso comprar senão uns trinta brinquedos!

Admiração do Pai e do Filho.

— Que dizes?

— Digo a verdade. Fui, conforme o Menino Jesus ordenou, percorrer as casas onde havia crianças, a fim de saber quantos brindes tinha de comprar.

— E depois?

— Depois, só n'umas trinta casas é que as crianças tinham que calçar; nas outras, todas andam descalças.

Por este efeito da carestia actual é que ninguem esperava.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Zefa du mê curasão.

Nan ceí ce te eide fallar du «Burro in pé» ó da «Garra», que ção as duas pessas de triato a que acesti oltimamente i que munto me agardaram, grassas a Deus, a prumeira nu Apolo i a ciguuda nu Ginaso, cuja esta vem a cer um ome toudo çucialista que cai na asnéra de casar cu a sinhora dona Berta i já ce cabe nan tem remedo cenão prantar-se a fazer tranplunises para le pagar u que ella gasta in licho. Eu cá de mim quando vim aqui lo i como nan tinha arreparado bem pró cartás inté afeturei que estava a ver u ditto «Burro in pé» i cu alimal era u Alves da Cunha caçin se deixava ir na rede com uma gaja d'aquellas mas nan cinhor porque me dixeram ça garra era aquella pessa i nan era nada da admirar cu Alves indoidesse por cósa da Berta porque rialmente na rialidade calquer nu caso d'ele tamem indoidesia porque ella é boa como trezentos mel diabos i cempre te digo Zefa que é ca de mim suma pessaga daquellas me dece çorte tamem me istava marinbando pró resto como lá diz u Alves i diz munto bem porque mais valle um gosto que oito testões.



Canto ó «burro» poropriamente ditto tem muita grassa i é uma pessa intranacional caquilo istase mēmo a ver çus ótores ce ispiraram en frança ispanha i outros paizes do estranja mas iço nan tira porque tonda a jente cá faz o mēmo jaralmente cu que ce quer ó fantasia e fazer rir i lá iço é u ca contese nu «Burro in pé» i cu isto nan te infado mais purqu istou muito apunquintado com as perpostas das finansas que inté já nan ceí ce venda ó não as noças purpiadades porque a jente istava inganado in cepór que eram noças purque afenal ção du istado i en a jente esfallesendo diz que ó u istado que toma conta delas, infim nan te quero apunquintar mais cu que fór çnará e dá çoidades a quem pur mim prégontar i arrebebe muitas alimbransas du teu crido isposou inté ó feturo.

Jerolmo,
Emprezario do Paultteama
de Peras Rulvas.

EM FOCO

O actor Alves da Cunha



Quem diria que um homem tão sensato
Momentos antes de subir o pano
Sofreria a seguir tamanho dano,
Que vem a desoairar no quarto acto?

E é no desoairamento tão exato,
Em tudo quanto faz é tão humano
Que a gente não percebe se é engano
Ora se tem na presença um doido nato!

Que, emfim, pensando bem, não é preciso
Ter-se casado com Maria Antonia
Para se estar sujeito a tais mudanças;

Se querem ver um homem de juizo
Perder completamente a cachimonia
Recitem-lhe as propostas de finansas...

BELMIRO

Logares selectos

Dia de inverno

Mesfistofelico, esguio,
Prota o frio
Na égua nesga, endiabrada
—A nortada.

O Sagitario feroz
Crava em nós
As setas e os histuris
Do pleuriz.

Dos troncos dos arvoredos
Nos rochedos
O vento, o grande organista,
Fantasista

Toca tremendos galopes
De ciclopes
E valsas doidas, macabras,
Para cabras.

Os velhos escriturarios
Salafrarios
Gelam dentro das alpacas,
Como facas

Não sei que tremula harpia
Assobia
Danadas canções funestas
Pelas frestas.

Dos vagalhões—ursos brancos—
Sobre os flancos
Estica o chicote agreste
Do nordeste.

As crianças expirando
Vão em bando,
Mortas, da cor das opalas
Para as valas.

E do conego feliz
No nariz,
Dezembro arvora a bandeira
Petroleira.

(De Guerra Juuqueiro).

Gréve surda

Correm boatos de que os empregados dos carros electricos vão iniciar a «gréve surda» e, embora já tivessemos tratado do assunto quando correram identicos boatos com respeito aos ferro-viarios, perguntam-nos alguns leitores em que ela consiste.

Pois não tem nada que saber. «Gréve surda» quer dizer fazer ouvidos de mercador, não falar, emfim, é, matematicamente falando, uma «gréve» com o sinal menos.

Exemplo:

O passageiro pede ao condutor um bilhete para qualquer parte: o condutor leva o indicador á ponta do nariz e não dá o bilhete.

O passageiro toca a campainha para



o carro parar: o guarda-freio não trava e o passageiro anda de carro até este recolher.

Está uma carroça na via e convinha que o guarda-freio desse, com o pé, o sinal de afastar; não dá sinal nenhum, a carroça não se afasta e ha abalroamento.

Emfim, silencio em tudo e por tudo. O diabo é se no fim do mês a companhia tambem se faz lucas quando os empregados lhe pedirem o vencimento.

Comiseração



— Coitadinhos dos burgueses! Não sei como eles podem viver!